

## **REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO EM FOCO: INVISIBILIDADE DO TRABALHO DE MULHERES DE CLASSES POPULARES.**

Karina Pontes Santos Lima

Walfrido Menezes;

Raiza Barros de Figueiredo;

Karina Pontes Santos Lima

**Resumo:** O presente trabalho visa discutir a categoria gênero que está presente na invisibilidade do trabalho de mulheres de classes populares; sendo um recorte de projeto de iniciação científica. Gênero é um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais. A metodologia empregada nesse trabalho é de cunho bibliográfico. O levantamento teórico realizado até o momento constatou que gênero como categoria analítica, tal como as de raça e classe promoveram a inclusão dos oprimidos na história, como também tem possibilitado a análise do significado e da natureza da sua opressão e a compreensão acadêmica de que as desigualdades, face ao poder, estão ligadas ao menos a estes três elementos - gênero, raça e classe, os quais estão relacionados ao trabalho de mulheres de classes populares. Constatou-se também o quanto esse trabalho feminino é de fato invisível, sendo desvalorizado, consistindo em funções menos valorizadas socialmente.

**Palavras-chave:** gênero; invisibilidade; trabalho feminino.

## **1 INTRODUÇÃO**

O artigo em questão versa sobre os resultados parciais que foram encontrados na literatura sobre as Representações de Gênero que estão presente na invisibilidade do trabalho de mulheres de classes populares; sendo um recorte de um projeto de iniciação científica, vinculado ao PIBIC/ FIR 2010/2011

Tomando Saffioti (1992, p. 211) como referência, pode-se dizer que gênero é “um processo infinito de modelagem-conquista dos seres humanos, que tem lugar na trama de relações sociais entre mulheres, entre homens e entre mulheres e homens.” Segundo a autora:

O conceito de relação de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar. (SAFFIOTI, 1992, p. 187)

Os papéis de gênero referem-se ao conjunto de expectativas sociais sobre os comportamentos esperados socialmente para cada um dos sexos.

Nesse sentido, vale destacar que as representações de gênero são antes de tudo, representações também sociais, estando atreladas a como as mulheres representam o seu trabalho. Daí, faz-se necessário discorrer sobre as Representações Sociais.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi de cunho teórico. Foi feito um levantamento parcial dos resultados encontrados na literatura pesquisada sobre as Representações Sociais de Gênero. Consistindo assim em um artigo bibliográfico. De acordo com (KOCHE, 1997, p.122):

A pesquisa bibliográfica é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para avaliar a compreender ou explicar o problema objeto de investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.

Sendo assim, a discussão desse artigo consistirá em temáticas ligadas às representações (sociais) de gênero na invisibilidade do trabalho de mulheres de classes populares.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO - SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS & REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO**

O conceito de Representações Sociais atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular. Ele tem fundas raízes na Sociologia, no tocante a essas raízes, elas provem de Durkheim. Moscovici dirige-se ao conceito de representações coletivas de Durkheim para iniciar o percurso da teorização. As representações coletivas em Durkheim apresentavam razoável estabilidade e um relativo estancamento no tocante às representações individuais, consistiam em um grande guarda-chuva que abrigava crenças, mitos, imagens, e

também o idioma, o direito, a religião, as tradições. Uma tal abrangência tornava porém o conceito pouco operacional. (ARRUDA, 2002).

Moscovici vai proceder à remodelagem do conceito durkheimiano e assim buscar preencher essa lacuna. Ele caminhou guiado pela necessidade de atualizar o conceito, trazê-lo para as condições de hoje, de sociedades contemporâneas imersas na intensa divisão do trabalho. Nesse caso, pode-se citar a divisão sexual do trabalho, que estabelece para as mulheres tarefas mais ligadas ao cuidado, seja da casa, do marido, dos filhos, e que as vezes se manifesta através de profissões tipicamente femininas como babá, enfermeira. Essa divisão interfere diretamente na percepção do trabalho feminino no espaço público, bem como na auto-percepção dessas mulheres no tocante a seu trabalho, daí a idéia de se falar em Representações de Gênero no tocante ao trabalho.

Vale destacar também, que em se tratando do uso das Representações Sociais em pesquisa, com destaque aqui na questão de gênero, não se pode esquecer da sua fluidez. Porém, Moscovici costuma responder que a fluidez é proposital, que visa permitir desenvolver a teoria e a criatividade dos pesquisadores, na medida em que o interesse maior seria a descoberta e não a verificação, a comprovação. (ARRUDA, 2002).

Ao mesmo tempo, ao trabalhar com essa teoria, percebe-se que a representação social, na interface da psicologia e da sociologia, é uma alternativa de grande plasticidade, que busca captar um fenômeno móvel, por vezes volátil, por vezes rígido, cuja complexidade reforça a dificuldade da sua captação. Perceber uma representação social é fácil, mas defini-la, nem tanto. (ARRUDA, 2002).

Nesse contexto, é imprescindível retomar Denise Jodelet, que aprofundou a teoria de Moscovici sobre as Representações Sociais. Vale destacar que a definição mais consensual entre os pesquisadores do campo é a dessa autora, para ela, as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. (JODELET, 2002).

Em se tratando da invisibilidade do trabalho de mulheres de classes populares no espaço público, que é a temática dessa pesquisa, faz-se necessário também citar Jovchelovitch (2002), que fala sobre a relação entre representações sociais e espaço público, para ela:

É importante deixar claro como as representações sociais enquanto fenômeno psicossocial, estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para uma diversidade de um mundo e de Outros (p.65).

É nesse espaço público também, que a dimensão de gênero, enquanto categoria historicamente construída, se faz presente, sendo assim as representações (sociais) de gênero fazem parte dele.

A mesma autora discorrendo sobre a relação entre representações sociais e espaço público, afirma que esta é complexa, de acordo com ela, a esfera pública, enquanto lugar da alteridade fornece às representações sociais o terreno sobre o qual elas podem ser cultivadas e se estabelecer. Essa referência trazida por Jovchelovitch é muito pertinente, já que se está trabalhando com as representações sociais de mulheres de classes populares diante do seu trabalho no espaço público, e é nesse espaço público que são produzidas as representações sociais.

### **3.1 AMPLIANDO O UNIVERSO DE DISCUSSÃO: SOBRE GÊNERO E CLASSE – CATEGORIAS CHAVES PARA A PESQUISA.**

A inclusão das categorias de gênero e classe na discussão do presente artigo, se faz imprescindível. Essas permitem uma melhor compreensão sobre como essas representações (sociais) de gênero são constituídas e legitimadas na coletividade, influenciando tanto a auto-percepção das mulheres, quanto a forma que elas são vistas no meio social.

Gênero e classe postos nesse artigo, giram em torno da exclusão pela qual passa um grande número de mulheres das classes populares frente a baixas condições de vida, pouca ou quase nenhuma escolaridade, além da pobreza permanente que tem ampliado o processo de invisibilidade.

Em se tratando do contexto das classes populares, sabe-se que esse representa a maior parte da população brasileira: a parcela que se encontra alijada e/ou excluída do acesso permanente e com qualidade à saúde, à educação, ao trabalho, à segurança, a uma vida digna, à não-violência contra a mulher e à não-discriminação de gênero.

#### **3.1.1 SOBRE O PODER PRESENTE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Falar sobre a representação de gênero na invisibilidade do trabalho me mulheres de

classes populares, implica também em falar sobre o poder presente nas relações de gênero. Esse não é apenas coercitivo ou repressor, mas produtivo, heterogêneo, e atua através de “práticas e técnicas que foram inventadas, aperfeiçoadas e se desenvolvem sem cessar. Existe uma verdadeira tecnologia do poder, ou melhor, de poderes, que têm cada um sua própria história” Foucault (1999, apud NARVAZ, NARDI, 2007).

O poder presente nas relações de gênero origina e mantém o processo de invisibilidade do trabalho de mulheres de classes populares, nesse sentido sabe-se que ele é relacional, o poder está presente nas relações sociais e é nelas que ele é exercido.

Em cada sociedade, há um regime de verdade com seus mecanismos particulares de produção. Foucault (1999, apud NARVAZ, NARDI, 2007) diz que a verdade nunca está fora do sistema de poder e que não há uma Verdade sem poder.

De acordo com esses mesmos autores, rejeitando a hipótese repressiva do poder – em que o poder só operaria partir do sistema coercitivo das leis ou do Estado – ele descreve a complexa rede de tecnologias e de sistemas disciplinares pelas quais o poder opera, particularmente através das disciplinas normalizantes da medicina, da educação e da psicologia na modernidade.

A noção de poder inclui a possibilidade de resistência, que é fundamental na contraposição a todas as formas de opressão e violência. Nesse sentido, é importante destacar que a possibilidade das mulheres resistirem é fundamental para a saída dessa condição de opressão.

### **3.2 TRABALHO FEMININO INVISÍVEL & INVISIBILIDADE PÚBLICA**

A invisibilidade pode ser caracterizada pelo desaparecimento psicossocial, lento e gradativo da mulher perante seus semelhantes; o que determina em grande parte as relações humanas fragmentadas.

A invisibilidade pública se refere a uma percepção humana prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho. Há rotulação do indivíduo dentro de um esquema de papéis, ou seja, enxerga-se somente a função, ao invés da pessoa. Não se trata de um aspecto biológico da visão, e sim, de uma prática simbólica, na qual o outro deixa de ser visto enquanto pessoa. (COSTA, 2004).



Na literatura, diversos autores tem falado sobre a dimensão central que o trabalho ocupada na vida do indivíduo, alguns, por outro lado, questionam se de fato há essa centralidade, visto que a realidade brasileira é marcada por altos índices de desemprego. Então, seria paradoxal afirmar que para essas pessoas o trabalho tem dimensão central, visto que muitas vezes, elas não estão empregadas no mercado de trabalho.

Viegas (1989, apud DRUMOND, 2002) observa que a palavra trabalho possui dois sentidos: um negativo, que significa exaustão de forças, tormento, castigo, e outro positivo, que significa cultivar, lavrar, laborar, elaborar, que remete à idéia de crescimento e não à de degeneração. Em se tratando do trabalho desempenhado por mulheres de classes populares, é provável que ele esteja mais ligado ao primeiro sentido.

Retomando a temática em questão, sabe-se que a inserção das mulheres no mercado de trabalho se deu de forma lenta e gradativa. Durante a Revolução Industrial grande parte do trabalho era executado por mulheres e crianças, pois o trabalho feminino era mais barato. Foram muitas lutas, principalmente com o Movimento Feminista na década de 70.

De acordo com informações contidas na publicação: Mulher e Direitos Humanos, organizada pela Casa da Mulher do Nordeste (2007), a legislação trabalhista brasileira foi tornando possível ter uma renda familiar e trabalhar fora de casa.

Direitos como a licença-maternidade de cento e vinte dias, hoje estendida para cento e oitenta, a estabilidade no emprego da gestante (desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto) e o direito à creche (para as mães trabalhadoras até os seis meses de idade da criança), fazem parte dos direitos conquistados e colocados na legislação. Mas, infelizmente, ela só garante esses direitos às trabalhadoras com contrato de trabalho.

As mulheres “invisíveis”, geralmente não possuem contrato de trabalho, sendo assim além do não reconhecimento que sofrem, não são asseguradas legalmente. Exemplos disso, são as milhares de mulheres que pertencem ao mercado informal realizando funções desvalorizadas socialmente, submetidas a baixos salários e condições de trabalho degradantes.

Para Hannah Arendt, “o trabalho cria o homem” e “sua humanidade é resultado de sua própria atividade”. Interessante trazer a tona essa frase para problematizar sobre como essas mulheres conseguem se inserir nessa humanidade. Verdadeiramente não estaria sendo negada a elas uma humanidade? A invisibilidade pela qual passam pode ser reflexo de uma desumanidade, de uma atitude reificante que se traduz em indiferença e desvalorização desse trabalho feminino e que é profundamente influenciada pelas representações (sociais) de gênero.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento teórico que foi realizado até o momento mostra o quanto esse trabalho feminino é de fato invisível, sendo desvalorizado, consistindo em funções menos valorizadas socialmente.

O que faz com que esse trabalho seja invisível aparecem nas representações (sociais) de gênero que estão ligadas a ele, pois isso elas são um importante foco nessa pesquisa. Nesse sentido, as dimensões de gênero, classe encontram-se profundamente imbricadas entre si.

Nesse sentido, considera-se fundamental a discussão dessas temáticas, notadamente a de gênero pois é a partir delas que podem ser pensadas estratégias de superação dessa invisibilidade. O que será trabalhado em 2011, a continuação da pesquisa, agora junto as mulheres envolvidas no universo da pesquisa.

Assim, mediante tal pesquisa pode-se encaminhar para o encontro de caminhos de aprofundamento de novas pesquisas; e também a proposição de políticas públicas com foco em desenvolvimento e qualificação profissional para essas mulheres, visando oferecer estratégias de superação da invisibilidade.

## 5 REFERÊNCIAS

ARRUDA. A. **A Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. Cadernos de Pesquisa n. 117, novembro/ 2002. COSTA. F. B. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

CASA DA MULHER DO NORDESTE. **Mulher e Direitos Humanos**. Programa Direitos Humanos das Mulheres. Recife, 2007.

COSTA. F. B. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

DRUMOND. V.A.T. **O papel do trabalho na construção da identidade do trabalhador**. Disponível em:  
<[direito.newtonpaiva.br/revistadireito/.../papel trabalho constr.doc](http://direito.newtonpaiva.br/revistadireito/.../papel_trabalho_constr.doc)>. Acesso em: 06 nov. 2009.

JODELET, D. **Representações sociais : um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

JOVCHELOVITCH, S. *Vivendo a Vida com os Outros: Intersubjetividade, Espaço Público e Representações Sociais* In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em Representações Sociais**. 7 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

KOCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática de pesquisa**. 14.ed. Petrópolis : Vozes, 1997.

NARVAZ, M., NARDI, H. *Problematizações Feministas à Obra de Michel Foucault*, In: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, vol. VII, n. 1, 2007.

SAFFIOTI, H. **Rearticulando Gênero e Classes Sociais**. In: 14º ENCONTRO da ANPOCS. Caxambu: ANPOCS, 1992.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993.